



LIGA DOS COMBATENTES

PALAVRAS DO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES, TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES, NA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AOS COMBATENTES, EM RELVINHA, CALHETA, ILHA DE S. JORGE

Exmo. Senhor Almirante Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas Almirante Silva Ribeiro.

Exmo. Senhor Comandante Operacional dos Açores Tenente-general Luís Morgado Batista

Exmo. Senhor representante do Governo dos Açores.

Presidente da Câmara da Calheta e de Vela.

Excelência Reverendíssima Bispo das Forças Armadas e Forças de Segurança D. Rui Valério.

Ilustres convidados

Combatentes e suas famílias

Minhas senhoras e meus senhores

Nesta efeméride aqui vivida em data nacional festiva como é o dia do EMGFA, conjugando em harmonia, recordação, homenagem e reconhecimento saúdo as autoridades e entidades presentes civis, militares e religiosas que, por esta forma participativa, afirmam, solidariedade e consideração pelos combatentes de S. Jorge por Portugal.

É, pois, com muita satisfação que, me constituo em parte integrante do marcante regozijo coletivo da homenagem neste monumento aos Combatentes da Ilha de S. Jorge, que neste Dia 2 de setembro de 2022 colheu oportunidade para ser revisitado como Monumento e Farol de memória para a nossa geração, e uma referência na história, para as futuras gerações.

De forma particularmente grata, a Liga dos Combatentes manifesta publicamente ao Senhor Presidente da Câmara da Calheta, o seu agradecimento por também nesta oportuna e generosa atitude afirmar o seu reconhecimento e ligação à Liga dos Combatentes.

Nesta ilha verde de S. Jorge, também lugar de falésias, vulcões e fajãs, é com afeto, com reconhecimento e com o respeito devidos às suas Mulheres e Homens e ao cidadão combatente deste concelho da Calheta e da Ilha de S. Jorge, bem como às suas famílias, que revivemos hoje mais um pouco da História de todos nós, sobretudo daqueles que, para a escreverem, deram de si o melhor, ou a própria vida, calcando o chão bem forte e obreiros da própria sorte.

Justifica também relevo neste contexto festivo de recordação e homenagem, o lugar de Relvinha-Calheta onde nos reunimos hoje para evocar o combatente de S. Jorge por Portugal,

quer o Soldado que Combateu na Grande Guerra, quer em Moçambique, quer em Angola em 1914, quer em França em 1918, ou na Guerra do Ultramar e desta ilha e deste Concelho partiu, constituindo um ato, para nós justo e oportuno de ser distinguido.

Porque a liberdade de expressão existe não deixa de haver visões redutoras, escritas ou verbalmente expressas, sobre acontecimentos como o que hoje vivemos, contudo é nosso entendimento que, cada vez mais, é necessário acentuar a importância que este tipo de cerimónias tem, na afirmação de um povo, da sua cultura e da História desta pátria nossa amada, que os lusíadas epicamente descrevem e que esta Ilha e concelho perfilham.

Os Monumentos erguidos aos Combatentes um pouco por todo o País, 102 da GG e cerca de 450 da GU, constituem iniciativa e recordação das gentes do Portugal profundo, que neles se reveem e recordam os seus heróis, sejam monumentos mais simples ou mais elaborados, mas todos eles um aerograma escrevendo memória - pela forma que cada um entende aos Combatentes de todos os tempos, e em particular aos do século XX saídos desta nobre ilha de S. Jorge.

O Monumento ao Combatente é um talefe afetivo que se impõe naturalmente - e é esse o seu objetivo, pelo que significa e recorda, pelo testemunho que passa aos vindouros e não pela monumentalidade estrutural que a pedra ou o aço de que é construído possa demonstrar.

Assim os Combatentes de S. Jorge que este padrão evoca e homenageia, por iniciativa do Município da Calheta, narram implicitamente muitas memórias por forma espontânea e natural, momento ao qual a liga dos combatentes com empenho se associa, felicitando os seus Promotores.

Combatentes e famílias

Ilustres convidados

Minhas senhoras e meus senhores

Hoje, como disse, não parece haver lugar à construção de Monumentos arquitetonicamente fantásticos, mas há lugar a que se ergam Monumentos mais simples na arquitetura, mas relevantes de significado, definindo o sentir e a Alma de um Povo – e atingindo a mesma finalidade de reconhecer e para sempre relembrar, neste caso, as Mulheres e os Homens de S. Jorge que em tempos passados e nos recentes Serviram Portugal com Honra e Dignidade, muitos com o sacrifício que só a guerra sabe gerar.

Estão aqui presentes, espiritual ou fisicamente, todos os Combatentes de S. Jorge, vivos e mortos, que generosamente empenharam a sua vida por um mundo livre e mais justo; oferecendo-se por todos nós para que a paz fosse a vencedora das batalhas travadas.

Se de forma mais sentida homenageamos em Relvinha, os Combatentes do Século XX por Portugal, a nossa memória não é curta, e muito menos ingrata, levando-nos a não omitir os seus antepassados de S. Jorge que noutras peijas e lugares lutaram ao serviço da pátria e ainda os que hoje, nas Forças Armadas, nas Operações de Apoio à Paz e Humanitárias, cumprem Portugal onde Portugal os envia.

Herdámos dos nossos antepassados, longínquos e próximos, a prática do dever de respeito e da preservação da memória, devida na Vida e na Morte aos nossos BRAVOS, aos familiares, aos amigos, aos companheiros e aos nossos maiores, com as adaptações que os tempos determinam, mas à luz dos mesmos intentos que terão norteado, nesta matéria, o Homem de qualquer tempo.

Nesta ancestral Ilha de S. Jorge, Santo de devoção portuguesa desde o século XII, referência especial de D. João I, como protetor de Portugal e de D. Nuno Alvares Pereira na Batalha de Aljubarrota, que foi de 1387 a 1640 declarado Padroeiro de Portugal, hoje, as Forças Armadas e a Liga dos Combatentes, homenageiam os nossos iguais e maiores, aqueles que no nosso coração coletivo conquistaram o direito de serem individualizados e singularmente recordados, em silêncio interior, em silêncio pleno de respeito e de afeto, pessoal e institucional, seja qual for a monumentalidade e textura do símbolo arquitetónico que os torna para sempre recordados na nossa afetividade e sobretudo nas páginas da nossa História. Nesta sentida postura, espiritual e física, adquirimos a condição para serena e convictamente, homenagear os Combatentes de S. Jorge, seja qual for o paraíso em que se encontre o seu espírito, mas certos de que ele tem guarida dentro do nosso e que aqui, em Relvinha, se pereniza em Monumento essa nossa postura. Damos mais uma vez vida a este Monumento.

Hoje em S. Jorge “volta a ser recordado um tempo feito de vários tempos e modos” que para sempre marcou a vida de mais de um milhão de jovens saídos das suas terras para atravessarem mares e viverem e morrerem noutra continente ou alguns deles regressarem com traços indelévels na sua saúde. No nosso tempo, a atitude para com os nossos ancestrais é certamente de reconhecimento, mas também de admiração, porque todo o Combatente sabe que em todas as batalhas há vencedores e vencidos e o simples facto de as enfrentar, na incerteza do desfecho, já revela carácter e grandeza, ao mesmo tempo está consciente de que o conquistado triunfo, este nunca lhe pertence, torna-se património da pátria e da humanidade e chama-se paz.

Nos campos onde se trava o destino decisivo das nações e da humanidade, cada Combatente vive na disponibilidade de oferecer a sua própria vida e fazer-se doação e entrega pela Pátria, pronto a derramar o sangue pelo seu povo e na defesa do solo onde nasceu, imbuído da mais nobre confiança N'aquele Deus em que acredita e é seu escudo e protetor, tanto nas trincheiras ou nos campos abertos das batalhas, como nas planícies e veredas da vida onde nos empenhamos a combater pelo sentido da existência, contra o ódio e o tédio que porventura assolem a alma do ser humano, corroendo o seu incomensurável valor.

A Grande Guerra foi um fenómeno mundial e dramático que mudou o mundo e a única Grande Guerra da sua história em que Portugal esteve envolvido na defesa da liberdade e conquista da Paz, mobilizando muitos Combatentes nascidos nesta região.

A Segunda Grande Guerra determinou o envio de muitas forças militares expedicionárias pelos cantos do Mundo Português, incluindo os Açores, e muitos foram os que não voltaram, não por razões de conflito armado, mas por motivos de doença. Mas deles, dos nossos Expedicionários e em nosso entendimento, pouco se fala...

A Guerra do Ultramar constitui uma epopeia recente e que marca gerações de portugueses que cumpriram ordens e denodadamente lutaram, sem saberem que o fim dos impérios estava traçado após a Conferência de Bandung, realizada entre 18 e 24 de abril de 1955 na Indonésia

por 29 países asiáticos e africanos, mapeando o futuro de uma nova verdade geopolítica denominada Terceiro Mundo e originando uma profunda e progressiva mudança estratégica mundial. Não obstante os avisadores ventos de mudança que varriam os Impérios desde aquele 1955, lutámos no além-mar e foi com mulheres e homens, meninos e moços de sua mãe, que com dignidade, com sacrifício, coragem e com valentia, que se lutou por Portugal. sendo imperativo evocar e enaltecer a gesta generosamente escrita ao longo dos tempos por esses bravos soldados filhos de S. Jorge, é justificado que ao revisitarmos este monumento, ergamos ao Céu e ao Deus em que cada um de nós acredita, uma prece silenciosa por eles.

Para nós, o ontem não se esquece e não se apaga, revive-se e por isso nomeamos cada um dos Combatentes de S. Jorge com um grito interior de “Presentes”... Uma viagem ao nosso passado, de meninos e moços empunhando armas.

Na nossa juventude, cada vez mais distante, Portugal foi-nos chamar onde cada um de nós estava – aos campos, aos escritórios, às fábricas, às escolas. Pediu-nos que interrompêssemos os nossos sonhos, largássemos as nossas famílias e os nossos amigos, adiássemos casamentos, abandonássemos o mundo em que tínhamos nascido e crescido, lançando-nos num mundo desconhecido e agreste, com guerra.

Portugal pediu-nos tudo o que lhe podíamos dar... E nós, os que respondemos com o nosso sim, demos tudo com generosidade em conformidade ao juramento um dia feito. Partimos jovens, fomos e aprendemos então a combater. Estivemos em terras que antes quase nem sabíamos que existiam, em locais remotos onde provavelmente alguns de nós nunca mais voltarão. Fomos Combatentes, em condições tão diferentes de tudo o que conhecíamos e experimentámos a guerra.

Os que dela regressaram, regressaram precocemente amadurecidos pelas experiências vividas e ousou afirmar que nenhum regressou igual, nem física nem psicologicamente, mas a maior parte regressou mais forte e mais homem, depois de ultrapassar os maiores sacrifícios, e ainda hoje permanecemos Combatentes, orgulhosamente Combatentes por Portugal. E os Governos da nação e Assembleia da República?

Bem, Combatentes, minhas senhoras e meus senhores, os Governos da Nação esqueceram durante muitos anos quase totalmente os seus Combatentes. Já vai para muito tempo, se tomarmos por referência 1914 e a Grande Guerra, vivida em África e em França e a Guerra do Ultramar.

Ainda que o recente Estatuto do Antigo Combatente tenha obtido acolhimento do Governo e Assembleia da República, por forma tímida e como tal incompleta –, com a promessa de se constituir um primeiro passo legislativo nos temas da Solidariedade e do Reconhecimento, é notório o diminuto apoio social e à saúde que dispensou aos melhores dos seus filhos, tantos anos após o seu regresso do Além-Mar, onde desdenhámos do conforto, sentimos na alma e no corpo a guerra e convivemos com a confusão que ela gera.

O “Estatuto do Antigo Combatente” ficou-se distante do que foi proposto ao Governo e Assembleia da República, Estatuto no qual falta aprofundar e dotar financeiramente a Solidariedade devida aos que vivem – sobretudo – a Idade de Ouro...ou melhor a do Outono da Vida!

Minhas Senhoras e meus Senhores

Atualmente, aqui e ali, evidenciam-se inesperadamente alguns eruditos, filósofos prenhes de ideias de tudo por em causa.

Questionam quem somos e donde viemos, questionam sobre a nossa história, pondo em causa os valores que a escreveram ao longo de nove séculos, valores e verdades inerentes ao tempo político desses séculos.

Questionam igualmente sobre a designação e razão dos monumentos erguidos aos Combatentes.

Questionam quase tudo o que fizemos por esse mundo que fomos descobrindo,

Falta-lhes apenas afirmar que o mar... Afinal, não é salgado... E se é salgado, o seu sal não tem lágrimas de Portugal.

As cerimónias com a que aqui vivemos hoje são as tranquilas e convictas respostas de quem honra, preserva e promove a História e o futuro de Portugal.

Esta oportuna homenagem em S. Jorge, proporcionada pelo EMGFA, na comemoração do seu dia e evocação do seu padroeiro D. Nuno Alvares Pereira, devoto de S. Jorge, é o tributo da nossa geração às mulheres e homens Jorgenses que tomaram ao serviço da nossa pátria ao longo dos séculos, nos campos de batalha e por Portugal, um Portugal que nascia ou se afirmava no mundo, algumas vezes sem politicamente entender os ventos da história que se constituíram tornados políticos, que tudo alteraram, e prosseguem alterando pelas mais variadas formas...

Acabámos de honrar os mortos... Continuemos a lutar pela dignidade dos vivos.

Viva São Jorge!
Viva os Açores!
Viva Portugal!

Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general